

Breve pensar sobre o fazer avaliativo

Lucí Hildenbrand
Vera Neves

O período de avaliação do processo ensino-aprendizagem na UNIG está definido no calendário institucional de atividades pedagógicas, variando de uma Faculdade para outra. Após um bimestre de trabalho acadêmico, iniciam-se as verificações de aprendizagem dos conteúdos e das habilidades visados pelas disciplinas curriculares.

É possível que professores restrinjam a avaliação dos saberes discentes a um único instrumento – a prova, referindo-se neste momento a P1. Este fato pode sugerir desconhecimento teórico ou desconsideração dos conceitos recentes da área de Avaliação da Aprendizagem, como por exemplo, os que indicam ela ser:

- ✓ processual, contínua, integrada ao currículo e à aprendizagem;
- ✓ direcionada à compreensão das dificuldades/facilidades encontradas pelo estudante na aquisição dos saberes;
- ✓ instrumental para a melhoria da prática docente em sua complexidade;
- ✓ fundamental para o ensino, o currículo e, acima de tudo, para o sujeito cognoscente.

Outra possibilidade de o docente ter notícias sobre o progresso do aluno em seu processo particular de estudo é através da utilização de diversos procedimentos avaliativos: desempenho em seminários, observação de tarefas, síntese pessoal de textos técnicos, participação em trabalho de equipe, produção textual colaborativa.

Há algum tempo, estudiosos da área da Avaliação vêm advertindo educadores quanto à adoção desta última postura, pois, se a avaliação é exercida ao longo do processo, o docente ganha tempo para agir e intervir imediatamente no curso da aprendizagem, evitando que as falhas identificadas ganhem *status* improcedentes. (Mendes, 2002).

Pensar Avaliação requer pensar Ensino. E, assim, é conveniente lembrar que, às vezes, a aprendizagem de determinados conteúdos depende, necessariamente, de outros que lhe servem de base. E que, neste caso, o resgate dos saberes anteriores (pré-requisitos), procedido pelo educador em sala de aula, contribuirá

certamente para a apropriação das idéias, conceitos e princípios em nova e maior dimensão.

Se por um lado, esta situação se faz presente na estrutura curricular, por outro, e em contraste a ela, há ocasiões em que o estudante é exposto a conteúdos que ainda não integram sua realidade. Nesta oportunidade, o graduando defronta-se com conhecimentos para os quais não dispõe de estruturas psíquicas e cognitivas mais elaboradas, cabendo ao docente hierarquizar, em ordem de complexidade, as informações para que o estudante possa recebê-las e assimilá-las com maior facilidade.

Para o professor, avaliar uma situação ou outra implica assumir posições diferenciadas, visto que os graus de aprofundamento inerentes à construção dos conhecimentos são bastante distintos. Reflexos disto hão de ser sentidos nos instrumentos adotados para avaliar o processo ensino-aprendizagem, quer se considere sua natureza e propósitos.

Desta forma, este breve pensar sobre o fazer avaliativo se justifica devido a proximidade da P1 em nossa IES. Assim, é essencial revisitar as posturas assumidas ante a avaliação do ensino que fazemos e da aprendizagem promovida para que, a partir de um novo olhar, seja possível garantir à avaliação o seu real sentido.